

## NARRATIVAS DE RENDEIRAS E O PROCESSO DE DESLITORALIZAÇÃO NA REGIÃO DE AQUIRAZ: a transmissão intergeracional da produção do bilro



THE LIFE NARRATIVE OF RENDEIRAS AND THE PROCESS OF DESLITORALIZAÇÃO IN THE AQUIRAZ'S REGION: the intergeracional transmission of the bilro's production

*Sandra Maia Farias Vasconcelos\**

Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, CE, Brasil.

ORCID: 0000-0001-7201-6173

\*Autor correspondente (e-mail: sandramaiafv@gmail.com)

*Fernando Antônio Bezerra de Carvalho*

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Ceará, CE, Brasil.

ORCID: 0000-0001-5696-7438

(e-mail:fabc1962@gmail.com)

*Priscila Alves e Silva Siqueira*

Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, CE, Brasil.

ORCID: 0000-0003-3784-1885

(e-mail: pirksiqueira@gmail.com)

*Samuel Freitas Holanda*

Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, CE, Brasil.

ORCID: 0000-0003-1406-2694

(e-mail: samukaholanda@gmail.com)

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar as narrativas de rendeiras do município de Aquiraz, no estado do Ceará, e como o fenômeno da deslitoralização (VASCONCELOS, 2008) da cidade impacta na transmissão do conhecimento intergeracional (LANI-BAYLE, 1999) e da cultura local. Estudamos o processo de deslitoralização pensando nas narrativas de vida (MAIA-VASCONCELOS, 2022) e elegemos as categorias de aprendizagem, representação e transmissão. As análises mostraram que: (i) as mulheres aprenderam o bilro com as suas mães e avós, (ii) o bilro permanece como uma representação da comunidade de rendeiras, ainda que elas tenham sido deslitoralizadas, (iii) a renda é parte da transmissão intergeracional familiar e extrafamiliar dessa comunidade e (iv) mesmo com a urbanização da zona de praia e o impacto do progresso sobre o litoral, as rendeiras se organizaram em associação e mantiveram a comunidade das rendeiras de bilro.

**Palavras-chave:** Narrativas de vida. Intergeracionalidade. Renda de bilro. Deslitoralização.

**Abstract:** This study aimed to analyze the narratives of lacemaker of the municipality of Aquiraz, in the state of Ceará, and how the phenomenon of delitoralization (VASCONCELOS, 2008) of the city impacts on the transmission of intergenerational knowledge (LANI-BAYLE, 1999) and local culture. We studied the process of delitoralization thinking about the narratives of life (MAIA-VASCONCELOS, 2022) and selected the categories of learning, representation and transmission. The analyses showed that: (i) women learned the bilro from their mothers and grandmothers, (ii) the bilro remains a representation of the community of lacemakers, even though they have been delitoralized, (iii) lace is part of the family and extrafamily intergenerational transmission of this community and (iv) even with the urbanization of the beach area and the impact of progress on the coast, the lacemakers organized in association and maintained the community of bilro lacemakers.

**Keywords:** Life narratives. Intergenerationality. Bilro lace, Delitoralization.

---

## 1. Introdução

A renda de bilros é uma atividade cultural-histórica carregada de tradição e perpetuada de mãe para filha, pelo fenômeno da intergeracionalidade (LANI-BAYLE, 1999). Além disso, a técnica é considerada fonte de recursos, trabalho, arte, artesanato e história, enfim, de aspectos construtivos de saber, de cultura, de valorização do trabalho feminino. Ressalte-se que além de rendeiras, as mulheres, as mães, as donas de casa, são também provedoras do sustento da família.

A região da Prainha, distrito da cidade de Aquiraz, localizado no litoral leste do Ceará, é referência para o artesanato da região e a renda de bilros é considerada uma das manifestações mais antigas e mais ricas da arte do povo cearense, apesar de não ser exclusiva do estado. A renda de bilros é parâmetro nacional para a arte e o símbolo da rendeira é figura forte na região da Prainha, o que a nossa escolha para o campo de pesquisa.

Confeccionado, em sua grande maioria, por mulheres consideradas de condição mais humilde, a renda de bilros mostra que onde falta poder aquisitivo, sobra destreza, criatividade e devoção. Afinal, a habilidade demonstrada por essas mulheres revela dedicação, muitas vezes exclusiva à confecção das peças de renda. Apesar disso, o retorno financeiro dado a essas artesãs é baixo, o que levantou questionamentos para essa pesquisa já que o município de Aquiraz, antiga capital do estado, foi um dos principais a sofrer um contínuo processo de deslitoralização.

Os principais artesanatos no Ceará são as rendas e os bordados. A renda é um artesanato têxtil, cuja história remonta aos séculos XV e XVI, com origem cuja paternidade é reivindicada por Flandres e Itália.

As rendas com bilro ou rendas de bilro, são produzidas por um pequeno instrumento de madeira composto por curta haste em cuja ponta se fixa uma pequena esfera. Já na outra ponta da haste é presa a linha, de forma que o manuseio da artesã vai sendo preso a um *design* padrão ou a um desenho da renda a ser desenvolvido, feito por furos em um papelão, presos por espinhos de mandacaru, em cima de almofadas colocadas sobre o colo da artesã, ou assentada em cavalete de madeira à sua frente (SEBRAE, 2011).

Também denominada “ponto aéreo”, a renda de bilros surge a partir da tecelagem, como os bordados e suas diferentes técnicas que chamam a atenção de quem os compra, vê ou usa, e remonta a um passado remoto que só se aperfeiçoou com o tempo. O ensino advém das esposas dos marinheiros portugueses que viviam nesta região até o século XVIII. A questão do bilro na Prainha rapidamente se desenvolveu em virtude de as mulheres já trabalharem com a técnica do traçado do ponto aéreo, quando consertavam as redes de pesca de seus maridos.

A criação de espaços coletivos com o intuito de manter uma produção passível de comercialização foi uma saída para correr junto à concorrência com o sistema industrial que tenta retirar a produção das atividades manuais. A produção artesanal gera renda para a população e preserva a cultura e a atividade local. Por isso, a compensação financeira do arte-

---

sanato não é imediata para o artesão e sim diferida, o que enseja a permanência das tradições culturais existentes como elemento de continuidade da cultura (VERGARA; SILVA, 2007).

Podemos dizer que atividades de renda e bordado superam as atividades de pesca e roça no Ceará, pois a mulher continua a cruzar os bilros e a tecer uma cultura centenária que passa de geração a geração. O que não se pode dizer das atividades de pesca e roça, cujas tradições são invadidas pelo progresso da urbanização.

O processo de incorporação da região de Aquiraz à Região Metropolitana de Fortaleza trouxe novos investimentos para a área, provocando um processo de inserção da cidade como destino turístico, o que acarretou mais visibilidade para as rendeiras, mas trouxe um processo de deslitoralização (VASCONCELOS, 2008), que consiste nesse processo de edificação menos litorânea e mais cosmopolita.

Em dezembro de 2017, o governo do Estado reinaugurou o Centro de Rendeiras Luíza Távora, na Prainha, em Aquiraz, com investimento dos cofres estaduais, através da Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS), na construção do equipamento. O centro tem uma estrutura com 38 boxes e um balcão de informações turísticas exclusivo para a valorização do trabalho das rendeiras.

O investimento revalorizou a atividade com a produção de artesanato de bilro, renda filé, bordados à mão, labirinto e ponto cruz. Considera-se um bom início para a revalorização das rendeiras, do ponto de vista do investimento estatal, mas como esse investimento econômico, a integração da região como destino turístico e cultural e a deslitoralização tem atingido as rendeiras e seus descendentes e quais suas narrativas a respeito desses fenômenos?

É com vista a esse contexto que este artigo tem como objetivo analisar nas narrativas de rendeiras do município de Aquiraz a fim de entender como o fenômeno da deslitoralização da cidade impacta na transmissão do conhecimento intergeracional e da cultura local.

## **2. A deslitoralização de Aquiraz: narrativas do ser e do deixar de ser**

As regiões metropolitanas estão disciplinadas desde a Constituição de 1967. No que diz respeito ao Ceará, somente a partir dos anos de 1990 é que se começa a reconhecer a relação do espaço urbano estabelecido com as grandes cidades (VILAÇA, 1998). A Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) compreende 40% da população do estado, com a composição de 19 municípios.

Essa mudança estrutural da RMF ocorreu gradativamente em três períodos graças a importantes modificações basilares advindas de projetos governamentais desenvolvimentistas. Fortaleza modifica, assim, seu referencial a partir de novos produtos e serviços para os quais se exige a inclusão de outros segmentos, como o veraneio marítimo de segunda residência.

Neste panorama, Aquiraz torna-se um dos espaços litorâneos mais procurados, passando a ser um local residencial graças a nova urbanização dessa contiguidade que se deu

---

pela construção de grandiosos condomínios de luxo não só para veraneio, mas também para moradia fixa. Em Aquiraz se monta um dos parques aquáticos mais famosos das Américas: o Beach Park, no bairro Porto das Dunas. Assim, a urbanização de Aquiraz se torna uma extensão da cidade de Fortaleza (PEREIRA, 2006), com a expansão das antigas casas de veraneio a residências dos fortalezenses com toda a influência da Capital, afastando as antigas moradias e provocando a modificação no círculo dos trabalhos locais, uma vez que os filhos de pescadores e das rendeiras passam a incrementar o mercado dos serviços turísticos da rede hoteleira, como garçons, camareiras, empregados de serviços gerais em hotéis e restaurantes, resorts e casas de veraneio.

O termo *littoralisation*, advindo do francês, significa “desenvolvimento costeiro”. Deste modo, em regra o processo de litoralização pode ser apresentado como o deslocamento da população do interior em direção à costa e a conseqüente inserção do mar na economia, a exemplo do turismo, dos portos, e demais serviços de equipagens navais e da indústria petrolífera, da pesca, bem como do desenvolvimento de mega infraestruturas, resultando na expansão do território em períodos relativamente curtos de tempo (ZDRULI, 2015). O processo induz, entretanto, uma conseqüência compensadora. No entanto, outro lado da balança se mostra não necessariamente promissor: as populações litorâneas são empurradas para o interior, provocando o fenômeno da troca de funções ambientais.

A mudança altera a vida de todos os sujeitos sociais envolvidos no processo constituidor de uma nova morfologia urbana, a exemplo do estado do Ceará, que continua a alcançar também alguns locais como Iguape, Prainha, Porto das Dunas e Batoque. Alteram-se, portanto, as estruturas dos espaços produzidos anteriormente, pela compreensão do chamado desenvolvimento regional e da própria sociedade local. Com isso, dá-se a criação de um novo espaço, com novas construções, culturas, serviços e equipamentos, patrimônios culturais a estabelecer, promovendo o que Vasconcelos (2008) denominou deslitoralização.

A mudança cultural se estampa nas moradias que estão distantes de serem típicas de uma região onde antes se viam pescadores e rendeiras. Estes antigos moradores foram exilados de seus antigos espaços para dar lugar ao moderno e ao progresso das construções urbanas.

Dentro de nosso objeto de estudo, a cidade de Aquiraz, dessa forma é metropolizada e deslitoralizada com a urbanização, o que em termos práticos implica na admissão de uma urbanização potencializada advinda do progresso turístico de Fortaleza, ocorrendo a extensão da capital, não mais sendo considerada a segunda residência., uma vez que “Os deslocamentos para segunda residência são mais frequentes, em função da proximidade, da disposição de infraestrutura e da expansão da motorização” (ARRAIS, 2013, p. 49).

É preciso considerar, no entanto, que o processo de deslitoralização não é, apenas, um processo negativo ou explorador de uma região, mas pode se configurar como uma forma de expansão do território em direção a regiões rurais e não habitadas que necessitam ser valorizadas, com a finalidade da retirada do peso habitacional do litoral. Deste modo, entende-

mos que, segundo Vasconcelos (2008), a deslitoralização seria o que vislumbramos na **Figura 1**:



**Figura 1:** Deslitoralização (concepção nossa).

Partindo dessas três noções que organizamos, advindas do conceito de Vasconcelos (2008), analisaremos as falas das rendeiras, considerando suas vivências como mulheres, mães, rendeiras e cooperadas que passaram pelo processo de associação, tendo em vista as categorias que elencamos para nossa análise, a saber: a aprendizagem do bilro, a representação que elas têm do ofício de rendeira e a transmissão do ofício através das gerações.

Também o processo de urbanização estrutural da área litorânea de Aquiraz é fundamental para a construção do nosso estudo, uma vez que essas mudanças espaciais de urbanização e deslitoralização trouxeram mudanças econômicas e culturais para a região, como a criação de uma cooperativa de rendeiras (CEART de Aquiraz) que impactou no fazer das mulheres artesãs de renda de Aquiraz.

### **3. A intergeracionalidade do bilro**

A atividade do bilro tem sido passada de geração em geração, desde as antigas senhoras da corte portuguesa. Esse conhecimento está enraizado nos discursos das rendeiras por meio de expressões que emergem em suas narrativas, tais como “minha mãe me ensinou desde cedo a arte da almofada” (Dona Francisca) e “sempre observava minha avó mexer aqueles palitinhos com tanta rapidez que quase ficava tonta” (Dona Maria). Esse conhecimento, que é transmitido intergeracionalmente (Lani-Bayle, 2018) e que aparece nas narrativas de vida das rendeiras, pode ser retratado por qualquer outro conhecimento que pas-

---

se de geração em geração por meio do conhecimento. É como um patrimônio imaterial que é transmitido entre os povos de uma mesma cultura para sua descendência.

Essa transmissão tem seus obstáculos e suas dificuldades pertinentes ao tempo de aprendizagem de confecção do produto, no caso da renda de bilros, da venda, do retorno financeiro e do reconhecimento público do valor da obra pronta. Podemos ainda colocar em questão a concorrência com a renda industrializada que chega a ser muito semelhante com aquela feita artesanalmente.

Um outro fator que pode influenciar como dificultador da transmissão, retomamos aqui, é pertinente ao tempo. As novas gerações, muito conectadas com o hiperdigital, pouco ou quase nunca têm a disponibilidade de esperar, são adeptos do imediatismo, da resposta rápida e, convenhamos, o bilro não é para quem tem pressa.

Nesse novo contexto, verifica-se a fragilidade da construção cultural de uma região em repassar o ensinamento de práticas manuais aos jovens. Assim, vamos neste estudo verificar como essa fragilidade se dá através das narrativas das rendeiras.

#### **4. As narrativas de experiências**

A narrativa de experiências é um hábito da humanidade. Desde sempre as relações humanas se constituíram por meio de histórias passadas entre gerações e assim continuam se constituindo, ainda que os meios tenham se modificado da oralidade para a hiperdigitalização. Foi este o caminho sempre, e ainda é assim, que o conhecimento se tornou parte da história da humanidade e da História do mundo.

Quando o sujeito conta suas experiências diante de um grupo, numa folha de papel, diante de uma tela de computador ou celular, os sentidos são construídos por meio de suas histórias contadas atravessando o fio de suas memórias, de seus vividos no instante de seu narrado. Lejeune (2014) atribuiu a esse espaço entre o vivido e o narrado a condição entre o narrador e o personagem da narrativa, sendo o narrador aquele que conta e o personagem aquele que viveu a experiência. Ao contar sua experiência de aprendizagem ou de vida, nem sempre o sujeito tem a noção de que está narrando sua história ou não tem a intenção primeira de contar uma história. Na pesquisa narrativa, nós pesquisadores buscamos nos fatos relatados a construção da história apoiando-nos, a partir do conceito de primado do interdiscurso de Maingueneau (2008), a perspectiva de uma pré-narrativa implícita, que compreende o relato e as intenções comunicativas do falante, tal como um *primado da internarrativa*.

Os textos formados a partir de uma ação narrativa, segundo os postulados de Bruner (2014, p. 75-76), constituem-se como as formas mais "universais e poderosas do discurso e da comunicação humana". Para Bruner, narrar a história pessoal é uma forma de organização do que o sujeito representa em sua própria vida, suas ações e sua própria linguagem. É pela lin-

---

guagem narrativa que o sujeito acessa a construção de uma história organizada, de uma identidade pessoal, aquilo que Ricoeur (1991) chamou de "identidade narrativa". Não é demais chamar a atenção ainda para a observação de Bruner, de que a narração, sendo um ato de linguagem, é o que este autor denominou "uma fábrica de histórias", tendo em vista que, em se tratando de narrativas de experiências, uma memória sempre fará recurso à outra e mais outra, numa sucessão sem fim.

É o ponto de vista do sujeito que mais interessa quando se pesquisa com narrativas de experiências e de formação, não o do pesquisador. Para Freitas (2015; p. 49), "o ponto de vista de uma sentença narrativa é o domínio espacial e temporal a partir do qual a informação transmitida por uma sentença pode ser obtida por um observador e incorporada por ele". Apesar disso, e tendo em vista que o importante é a informação prestada pelo sujeito informante, já que o que se busca em uma narrativa de experiência é o que o sujeito tenha a contar e como o faz, sem o desatino de averiguações sobre a veracidade dos fatos, o pesquisador deve estar atento às digressões que venham a ser acrescentadas pelo narrador no momento do encontro de coleta.

Durante a interação com o outro, muitas vezes o sujeito de fala constrói sua própria história e constitui sua identidade. Em contrapartida, o pesquisador, ciente de estar diante de uma narrativa de experiências, deve tomar o cuidado de não se envolver demasiado com o sujeito informante. É preciso, por um lado, aceitar como verdade o que o texto narrado lhe diz, impregnado pelo seu papel social; segundo, compreender seu papel como "leitor-ouvinte" de um texto "escrito-oral" e analisá-lo à luz do que Lejeune (2014) denominou pacto autobiográfico. O estatuto de verdade é uma demanda do método. O leitor-ouvinte acredita nas palavras do escritor-falante para que essa reciprocidade se torne verdadeira e a relação de contato entre pesquisador e sujeito seja performativa de verdade.

Assim estando compreendido, o texto narrado se fabrica, dentro dos termos de Bruner (1999), a partir de um atributo de constituição identitária do sujeito, uma vez que por intermédio da narrativa de experiências e reflexão acerca dos relatos cotidianos, o sujeito passa a construir um posicionamento frente a seu discurso narrativo. Isso se comprova pelas escolhas dos fatos, dos eventos que o sujeito decide narrar, pela riqueza ou não de detalhes, pelas escolhas lexicais que lhe imprime uma instância mais ou menos formal de sua prática linguageira.

Como se o sujeito se desenhasse em uma tela a partir de uma imagem vista por ele em um espelho. Daí vislumbramos a tríade imagética do sujeito: o sujeito material, a imagem refletida do sujeito no espelho (reflexivo), o sujeito representado por si mesmo na tela – o sujeito posicionado para o outro (MAIA-VASCONCELOS, 2022, p.77).

---

A narrativa de vida ou mesmo de experiências, é um posicionamento do sujeito que narra, resultante de inúmeros discursos o constitui. Neste estudo, essa teoria se torna pertinente, pois a introdução da Associação das Rendeiras da Prainha vem sendo potencialmente incentivadora da produção da renda de bilro no Ceará, mas as mulheres mais jovens são minoria e não pretendem fazer a transmissão intergeracional do bilro, como veremos nas análises das narrativas mais à frente. O posicionamento, ou seja, a maneira como um sujeito se define em sua narrativa, define também sua escolha de se conceber e de se mostrar ao mundo.

A análise das narrativas coletadas para este estudo se constitui, desse modo, por categorias de posicionamento das mulheres rendeiras a partir de suas narrativas em três questões: aprendizagem, representação e transmissão do conhecimento sobre a arte do bilro.

## 5. Metodologia

A metodologia utilizada para esse estudo é de campo e qualitativa, ao analisarmos narrativas de vida de rendeiras de Aquiraz a respeito dos impactos da deslitoralização e da intergeracionalidade da transmissão do ensino do bilro.

Utilizou-se da delimitação geográfica a cidade de Aquiraz. Por isso, decidiu-se utilizar o método do estudo de caso, no distrito da Prainha, escolhido por razões históricas das rendas de bilro na localidade, além da dedicação histórica da comunidade ao artesanato de renda de bilro, com a ajuda da Associação das Rendeiras do Aquiraz.

A pesquisa inclui conversas narrativas com as rendeiras da cidade que estão ligadas à cooperativa e que têm um box no Centro das Rendeiras de Aquiraz. Existem outras rendeiras associadas na Cooperativa/Associação das Rendeiras de Aquiraz, mas que não têm box no local; e outras rendeiras que desempenham a atividade de produção do bilro, mas não são associadas e nem comercializam no Centro das Rendeiras seus artesanatos, mas em seus domicílios. Para o controle de nossa amostra, neste recorte, ficamos apenas com as rendeiras que estão ligadas ao CEART.

A primeira amostra foi formada por trinta e cinco rendeiras que realizam a produção da renda na Associação de Rendeiras da Prainha e têm box no Centro das Rendeiras Luiza Távora de Aquiraz e que necessariamente são associadas e realizam a produção do bilro em suas residências e no box, sendo este último, na presença de visitantes e turistas. Destas trinta e cinco rendeiras, vinte e três aceitaram participar da pesquisa narrando suas histórias com seu trabalho de rendeira.

---

## 6. O passo-a-passo do estudo

Este estudo é um recorte de uma dissertação de mestrado defendida em 2019 (CARVALHO, 2019), no Curso de Mestrado Profissional em Turismo da Universidade Estadual do Ceará sob nossa orientação. Este momento da pesquisa, que aqui nos interessa e concerne, diz respeito aos discursos narrativos das rendeiras. Primeiramente, trataremos de expor a abordagem do sujeito, o encontro com aquele que nos conta e como fazê-lo nos contar o que queremos saber. É primordial compreender que

O método utilizado em história de vida procura compreender os elementos gerais contidos nas entrevistas colhidas junto às pessoas, sem se opor a analisar peculiaridades históricas [...] não cabe ao pesquisador a conferência dos fatos, mas a escuta e a análise da construção verbal e não-verbal, da narrativa do sujeito que conta (MAIA-VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2019, p.102).

A coleta de narrativas de experiências, quando se trata de narrativas orais, exige o uso de gravador, cadernos e bloco de notas. Neste estudo, foram registradas anotações e gravadas as conversas, que em seguida foram transcritas. Também foram feitas algumas fotos e alguns pequenos vídeos de mãos de rendeiras fazendo o bilro. Os registros de imagens não são trazidos para este artigo, porque sua liberação não foi submetida ao comitê de ética no momento da dissertação. As conversas analisadas neste artigo são extraídas do corpus da dissertação já publicada (CARVALHO, 2019).

Demos início a esta pesquisa com uma conversa narrativa com a presidente da Associação das Rendeiras da Prainha, que nos forneceu o estatuto da associação para análise da estrutura da entidade e a relação das rendeiras com essa instituição. Tivemos apenas um contato com a atual gestora (2018-2024), com perguntas sobre a filiação das associadas, os recursos captados pela associação e sobre a produção dos artesanatos dali provindos, em particular, o bilro<sup>5</sup>.

Carvalho (2019) realizou conversas narrativas com as associadas que aceitaram participar da pesquisa. Todas as rendeiras entrevistadas são do sexo feminino. Quando retornamos, foram realizados encontros nos dias 1º de agosto de 2018, com treze rendeiras e no dia 28 de setembro de 2018, no próprio Centro de Artesanato de Aquiraz, com dez rendeiras associadas, mas sem entrevistas.

No total, encontramos vinte e três das oitenta rendeiras que Carvalho (idem) conseguiu identificar na região, segundo a Associação, a quem mostramos o trabalho realizado por Carvalho (op. cit.) e das quais escolhemos seis para a formação de nosso *corpus* para este artigo, cujos critérios serão esclarecidos na seção a seguir.

---

<sup>5</sup> Conferir CARVALHO (2019).

---

## 7. Resultados

Como já explicitado anteriormente, para este recorte analítico, priorizamos a análise de quatro das vinte e três narrativas coletadas, segundo critérios que justificaremos a seguir. Utilizamos nomes fictícios para as quatro mulheres.

As entrevistas com os sujeitos em uma pesquisa com narrativas são, na verdade, como conversas, o que denominei de *conversas de qualidade* (MAIA-VASCONCELOS, 2003, p. 70), das quais resultam muitas vezes, respostas silenciadas pelo tempo. Escutar esse sujeito que narra é ouvir esses silêncios, não em um viés psicanalítico, mas numa postura linguística e ética, respeitando aquela história e aquela memória, levantando a consciência de que se trata não somente de uma memória individual, mas uma memória coletiva que se impregna naquele sujeito: trata-se de uma singularidade que se torna plural.

O maior número de rendeiras está na faixa etária entre 18 e 46 anos, de forma que quanto maior é a idade das rendeiras, maior é seu envolvimento com a atividade da renda.

A pesquisa de que nasce este artigo chegou aos seguintes percentuais (CARVALHO, 2019):

Entre 18-45: 20% → 17 pessoas

Entre 46-65: 62,85% → 50 pessoas

Acima de 66: 17,15% → 13 pessoas

O que nos leva a prognosticar uma possível inexistência do desenvolvimento da atividade nas futuras gerações, capaz de dissolver a identidade cultural da atividade e confirmar a *deslitoralização* prevista por Vasconcelos (2008). Isso significa que o artesanato existente no local poderá deixar de ser um atrativo turístico ao local cada dia mais promissor em hotéis, moradias e resorts de alto luxo, fato já relatado em uma das narrativas aqui citadas (Rendeira Vanessa).

Deste modo, o critério de escolha das rendeiras para a análise das narrativas se deu por grupos de idade, como configurado na subseção a seguir.

O lugar de vivência das rendeiras é a Prainha, onde ocorre a produção do cotidiano delas, suas histórias e o sustento de suas vidas no entrelaçar dos fios entre seus dedos. É bem o que Damiani (1999) chama de incorporação da atividade nas pessoas em um determinado espaço e que se faz representar pelas relações sociais existentes. Na subseção a seguir, veremos as análises de algumas falas que retratam o passar do tempo nas mãos que fazem os nós das rendas.

## 8. Conversas narrativas

Antes de entrar na análise propriamente dita, vale lembrar as categorias narrativas elencadas já citadas anteriormente para este estudo, categorias que extraímos após a leitura das narrativas dessas mulheres:

---

**Aprendizagem** – sobre como as rendeiras aprenderam o ofício que ora dominam;  
**Representação** – sobre qual o papel deste trabalho em suas vidas cotidianas;  
**Transmissão** do conhecimento sobre a arte – sobre se ter ensinado a seus ou suas descendentes a arte do bilro para as futuras gerações.

Primeiramente, dividimos o grupo de trinta e cinco mulheres em três grupos. Utilizou-se para classificação o critério de classificação etária decrescente:

**Grupo 1**- rendeiras acima de 65 anos;

**Grupo 2**- mulheres em idades entre 46 e 65 anos;

**Grupo 3** - a partir dos 18 anos (maioridade civil) até 45 anos.

Em seguida escolhemos duas rendeiras de cada grupo e passamos a analisar em suas narrativas os trechos em que são pertinentes os discursos sobre o artesanato de bilro e as relações com as categorias aqui assinaladas, tentando cobrir as faixas etárias, desde as mais idosas até as mais jovens dos respectivos grupos. Vale ressaltar que existem rendeiras mais idosas e mais jovens que aquelas com as quais tivemos contato, mas que não se enquadram no critério de corte primário, pois, não são associadas e não têm box no CEART.

As rendeiras do **Grupo 1** selecionadas foram aqui denominadas ficticiamente, Rendeira Francisca e Rendeira Maria, 78 e 73 anos, respectivamente, ambas locadas em boxes no Centro de Artesanato da Prainha para venda, e a segunda ainda fornecedora de artesanato para terceiros comercializarem e as mais idosas do grupo.

As rendeiras selecionadas do **Grupo 2**, Rendeiras Edite e Lúcia, 46 e 65 anos, respectivamente, também têm seus boxes no CEART da Prainha, são alfabetizadas, sendo que uma é casada e a outra viúva. Dona Edith tem cinco filhos, dos quais uma filha é rendeira, mas que não é associada. Dona Lúcia tem dois filhos homens e é viúva.

As duas rendeiras do **Grupo 3** selecionadas foram Mabele, 23 anos, com segundo grau completo, e Vanessa, 20 anos, com curso superior incompleto e as mais jovens do grupo.

A história dessas mulheres é em quase tudo muito semelhante. Nasceram e cresceram à beira mar, filhas de pescadores ou de rendeiras, levaram uma vida muito humilde. Com exceção das duas mais jovens do **Grupo 3**, todas as demais casaram-se muito jovens, às vezes meninas, como é o caso de Dona Francisca, que se casou e foi mãe aos catorze anos e aos vinte e dois anos já tinha oito filhos, só tendo parado de procriar, porque seu marido sofreu um acidente no mar e parou de “fazer menino”, como ela conta em seu relato. A renda, somada ao pescado, era o sustento da família de muitas comunidades litorâneas, em especial nas praias. Desse modo, podemos unir alguns relatos a fim de compreender o encaminhamento narrativo desses sujeitos litoralizados pela própria história e que foram pouco a pouco deslitoralizados pelo progresso antrópico, quiçá antropofágico da especulação imobiliária.

---

Consideremos nas passagens a seguir, extraídas das entrevistas com as rendeiras, as categorias aqui propostas de **aprendizagem**, **representação** e **transmissão**. Começemos pelos excertos e suas descrições:

Dona Francisca contou ter aprendido o bilro com a sua mãe, que também era rendeira:

"A gente aprendia bilro como quem aprende a cozinhar. Era quase obrigada. Era o bilro e o fogão à lenha. Quando num queimava os dedo na lenha do fogão, queimava na lenha dos bilro. Eu desde menina faço renda pra ajudar dentro de casa, né? Aprendi com minha mãe, e depois ensinei pra minhas filhas. Fazia pra ajudar meus pais e depois que casei, pra ajudar meu marido. Era oito filho, uma reca! (risos) Tinha que fazer renda até quando tava parindo e dando o peito. Eu vim de pai pescador e de mãe rendeira, vim pra marido pescador e virei rendeira. A vida só fez rodar pro mesmo canto.[...] O que mudou foi que a gente foi tirado da beira da praia pelos hotel e pelas mansão de luxo. Num fosse isso, nós inda tava fazendo renda com os pés na areia. Mas é bom ter as renda da gente na cooperativa, porque o dinheirinho é melhor, né? E aí a gente vê uns pessoal com uma língua diferente, uns estrangeiro, eles fazem foto, imagina, esse povo querendo fazer foto com a gente (risos). [...] Eu sei que é estrangeiro porque eu estudei, fiz até a quinta série, sou burra não". [...] "A gente tinha que trabalhar em casa e a escola era muito longe, tinha que atravessar o rio às vezes. E quando enchia, nas épocas de chuvas, o negócio era ficar em casa mesmo. Aí eu fui largando, já tava na 5ª série, depois me casei e tive uma ruma de filho, quem é que ia cuidar, né? Aí foi a renda que me ocupou." (Dona Francisca)

Como podemos ver, Dona Francisca mostra sua origem humilde, sua necessidade de aprender o bilro com a sua mãe, retrato da aprendizagem intergeracional (LANI-BAYLE, 1997), que é a aprendizagem não sistemática e não formal, como maneira de ajudar no sustento da família. A permanência da transmissão se faz quando dona Francisca ensina a suas filhas a arte. Dona Francisca vem para este estudo como um exemplo típico do sujeito da praia: "Eu vim de pai pescador e de mãe rendeira, vim pra marido pescador e virei rendeira". Esta rendeira admite a "roda do mundo" quando afirma que a única diferença em sua vida hoje é que "a gente foi tirado da beira da praia pelos hotel e pelas mansão de luxo". Mas admite também que a cooperativa foi uma vantagem financeira para as rendeiras, que agora são mais valorizados, mais organizados.

Desse modo, o bilro se atrela ao patrimônio cultural como uma fonte primária de conhecimento e aprendizagem, dentro da educação domiciliar daquelas famílias, mesmo não estando como elemento de aprendizagem do ensino formal (HORTA, 1999).

Dona Maria relatou que aprendeu o ofício aos 8 anos de idade com sua avó:

---

"Minha avó era quase cega, mas mexia com aqueles pauzinhos numa ligeireza doida, e eu era doida pra aprender a fazer aquilo. Nem me alembro quantas vez eu embolei as linha dela. Levei tanto puxão de orelha por causa disso (risos). Ela disse um dia: vou te ensinar, moleca, melhor do que tu tá destruindo meu bilro. E eu aprendi ligeirinho, num instantinho eu tava fazendo renda e ajudando ela a vender na praia. E o povo comprava, acho que com pena, porque via que era uma criança vendendo. E eu era magra igual uma vara verde. Só que o povo me enganava, porque eu num sabia fazer as conta direito. E eu nunca estudei, só aprendi mesmo a escrever meu nome, mal sei ler algumas palavrinhas aqui e ali, porque apareceu uma moça que deu umas aulas lá pela praia onde a gente morava, mas ler, ler de verdade eu nunca li. Só depois foi que aprendi a ficar boa de fazer conta. E aí depois me casei e a cooperativa ajuda muito a gente. [...] Nenhuma filha minha quis ser rendeira não. E depois que encheram isso aqui de hotel e dessas mansão de luxo, essas menina só querem ser é camareira, garçonete, querem mais ser rendeira não". [...] "Nunca fui pra escola, assim escola mesmo, de verdade, né? Tinha uma moça naquela época, dona Mocinha que se chamava, que ensinava as crianças da rua e eu também aprendi a ler, aprendi a escrever meu nome, aprendi umas coisas assim. Muito pouco. Depois ela foi s'embora, e a gente nunca mais soube dela e eu fiquei sem estudo. Tinha o que fazer não, o jeito era a renda. Era a renda ou a roça (risos)". (Dona Maria)

Os trechos mostram dentro das categorias de aprendizagem o que já tratamos aqui de intergeracionalidade familiar, ou a transmissão que se passa de uma geração familiar a outra através dos tempos, como um patrimônio imaterial. Vemos que dona Maria não só fala sobre quem lhe ensinou a arte do bilro, mas sobre todo o processo de companheirismo com a avó, suas primeiras vendas. Nossa entrevistada não deixará descendência no bilro, pois nenhuma de suas filhas se interessou pela arte como artesã, porque com a deslitoralização, suas filhas decidiram seguir outras profissões.

Quando falamos sobre suas escolaridades, respectivamente de dona Francisca e de dona Maria, encontramos traços sobre a representação da renda em suas vidas. As duas rendeiras mostraram um pouco de melancolia. A primeira contou ter ido até a "5ª série", e a segunda informou apenas que era alfabetizada, sabendo ler e escrever muito pouco.

As duas disseram que sempre exerceram a profissão de rendeira, além de dona de casa. Foi interessante notar como a representação do bilro se choca com a representação da riqueza. Ambas as rendeiras do **Grupo 1** reconhecem o bilro como uma atividade que chama a atenção de turistas, mas que é desvalorizada pelos moradores locais, uma vez que se tornou uma atividade que foi empurrada para o interior, deslitoralizada, ao mesmo tempo em que reconhecem que os antigos trabalhos da praia, como a pesca e a renda foram substituídos pelos empregos em hotéis de luxo.

Veremos na sequência que as opiniões variam de acordo com as idades das rendeiras, o que torna bem interessantes as análises desse documento.

No **Grupo 2**, grupo compreendido por mulheres entre 46 e 65 anos, escolhemos Edite e Lúcia como nossas entrevistadas. Ambas aprenderam o ofício com suas mães, que também eram rendeiras e que já faleceram [as mães], portanto não fazem parte do grupo aqui disponibilizado. O relato a seguir, de Edite, compõe as três categorias já mencionadas e essas,

---

por sua vez, estão atreladas ao fenômeno da deslitoralização aqui já discutida.

Edite nos conta que aprendeu com sua mãe, à beira da praia, com os pés na areia, mas não sabe dizer com que idade.

“Fazer renda pra mim é como manter meus pé na areia sempre, sabe. Eu achava tão bom enfiar os pé na areia da praia, principalmente quando [a areia] tava umidazinha, parecia uma massagem. Minha mãe ensinou nós assim. Só era ruim quando chegava a época dos ventos, que aí enlinhava tudo e a gente tinha que ficar dentro de casa. Mas o povo gostava de ver a gente no tictic dos bilros. Era cada uma por si. [...] Agora? Eu acho que está bem melhor agora, sabia? Agora a gente tem uma cooperativa, tem uma associação que incentiva a produção da gente. Eu me lembro que minha mãe num tinha nada, nenhuma garantia de venda, a coitada. Fazia o bilro e se vendesse, vendia, se num vendesse ia acumulando, acumulando inté... Hoje se uma vende mais que as outra, pega daquela que num vendeu e vende, é tudo uma coisa só e todo mundo ganha. [...] É bom pelo dinheiro, mas era bom poder morar quase dentro d’água [...] Tenho duas filha, só uma que é rendeira, mas num quis se associar ainda não”.

Vemos como, para Edite, assim como para Francisca, a referência aos pés na areia aparece flagrante. Essa referência nos emerge como indicativo muito evidente da região beira mar, essa beira mar que elas perderam. A aprendizagem para Edite parece ter sido algo natural, familiar, a mais verdadeira transmissão intergeracional, aquela se que se transmite de forma insciente, sem que elas percebessem que estavam passando por uma formação.

Para Lúcia, no entanto, o bilro já começa como um trabalho. Casada desde muito jovem, aos catorze anos, e tendo que ajudar com os rendimentos em casa, dona Lúcia largou a roça onde trabalhava com a mãe para seguir a vida com seu marido pescador. Dona Lúcia aprendeu o bilro com as mulheres da praia e se tornou uma das rendeiras mais procuradas, porque se tornou muito caprichosa. Seu marido morreu no mar alguns anos depois de nascerem seus dois filhos homens a quem dona Lúcia nunca ensinou o ofício da renda, sendo este “coisa de mulher”. Vamos ouvi-la:

“Eu saí do interior pra vim acompanhar meu marido e tive logo meus dois filhos, um atrás do outro. Eu já tinha esses dois meninão antes de fazer dezoito ano. Mas aí eu tive um problema que eu não parava de sangrar e por causa disso meu marido ficou ruim pra mim. E ele começou a beber e saía pro mar e não voltava pra casa e eu haja a fazer renda. Eu batia nesses bilro acho que de raiva. Fazia renda mais do que qualquer mulher da praia. Quando ele chegava ele queria me procurar e eu sentia dor demais e ele me batia, batia nos menino. Eu pedia a Deus pra ele não voltar. Um dia ele não voltou. O mar engoliu ele. Eu chorei, meus filhos choraram, mas a gente nunca mais apanhou, só quem apanhava era os bilros (risos). E aí apareceu a cooperativa. E os meninos disseram ‘mãe, entra na cooperativa’ e eu entrei. A mulher do mais velho hoje sabe fazer bilro que eu ensinei. Mas eu nunca ensinei meus filhos não, eles foram trabalhar nos hotel, que eu num queria nenhum pescador. Um trabalha até no balcão e até aprendeu inglês. O outro é bugueiro e tá estudando. A mulher [dele] é guia de turismo e traz uns cliente pra comprar de mim e da minha nora, da outra, né? A gente vai se ajudando como pode. Dá pra viver, num dá pra ficar rico não, mas dá pra viver”.

---

Como vemos, a vida de dona Lúcia não difere muito das outras narrativas de mulheres aqui já analisadas. De origem humilde, casaram-se relativamente jovens, foram mães cedo, trabalharam com o bilro sempre para o sustento da família e só recentemente entraram para a cooperativa. Os filhos homens foram trabalhar nos hotéis, saindo dos antigos empregos da praia, de pescadores, lagosteiros, marisqueiros, ou seja, dos empregos que seriam típicos de zonas do litoral. Dona Lúcia deixa claro que, de certo modo, foi uma escolha dela: “Eu num queria nenhum pescador”. Essa escolha, ao que nos pareceu, se deve a sua triste experiência com seu marido violento, que acabou sendo ‘engolido’ pelo mar, conforme ela nos relatou.

No **Grupo 3**, com mulheres a partir dos 18 anos e até 45 anos, escolhemos Mabele (23 anos) e Vanessa (20 anos) por serem exemplos diferenciados das outras faixas etárias. Vamos ouvir o que dizem as jovens rendeiras.

Primeiramente Mabele:

“Eu aprendi a arte do bilro com minha mãe, ainda bem nova, acho que eu tinha uns dez anos ou menos e acho que isso é a cara do povo daqui de Aquiraz, da praia, mas o comprador não quer pagar o preço. Paga uma fortuna por um prato de camarão que comeu, acabou, mas não paga por uma renda que é pra sempre. O povo acha que é só a linha. Se esquece do trabalho que dá, do tempo que a gente leva pra fazer dez centímetros de renda. E depois, a gente vai nos armarinho e tem igualzinha feito em máquina vindo da China. Eu faço bilro, faço, até gosto, é como se fosse uma terapia, é bom. Era melhor quando a gente fazia olhando pro mar, mas agora nem o mar a gente pode mais ver, com tanto prédio na frente. Mas eu faço, mas não quero isso pras minhas filhas não, o povo não quer pagar o que vale [...] quero mais é que ela vá ser enfermeira, vá trabalhar num escritório, vá ser professora, qualquer coisa, menos isso [...] não tenho filho ainda não, mas quando eu tiver não vou ensinar de jeito nenhum. Quando você vai num shopping, uma blusa de renda custa uma fortuna, mas quando eles vêm comprar a renda com a gente querem pagar uma miséria só porque estão comprando do pobre. Eu não quero isso pro futuro de minhas filhas. Não acho isso justo e também estou cansada dessa realidade de que quem vive na praia é sempre o pobre lascado”.

Mabele reproduz um pouco do que já vimos acontecer nos filhos das rendeiras dos Grupos 1 e 2. A participante afirma que gosta de fazer, com alguma concessão (*até gosto*), mas que não deseja passar adiante essa cultura (*Mas eu faço, mas não quero isso pras minhas filhas não, o povo não quer pagar o que vale*). Temos ainda de retorno a questão da vista do mar, que pode ser vista como uma retomada dos pés na areia já vista aqui em outras passagens (*Era melhor quando a gente fazia olhando pro mar, mas agora nem o mar a gente pode mais ver, com tanto prédio na frente*). Mabele também levanta questões sobre os preços dos produtos entre a produção local e os produtos industrializados, bem mais caros às vezes ou bem mais baratos, mas de qualidade inferior. Foi interessante notar as questões sociais ali postas pela participante em relação a quem frequenta o mesmo local, mas em condições diferentes, por exemplo quando ela diz “Eu não quero isso pro futuro de minhas filhas. Não acho isso justo e também estou cansada dessa realidade de que quem vive na praia é sempre o pobre lascado”. É interessante e paradoxal, uma vez que esse ‘quem vive’ a que Mabele se

---

refere é o nativo, e não os novos ocupantes, os proprietários dos hotéis e das mansões de luxo a que essas participantes se referem em suas narrativas. Ou seja, o nativo que na verdade foi deslitoralizado, foi excluído de suas condições de nativo, de pescador, de rendeira, e passou a viver de outras funções, embora que ainda subalternas, como empregados de resorts, hotéis e condomínios, continua tendo essa imagem, na perspectiva de Mabele, do pobre lascado.

A sexta e última participante deste estudo, Vanessa, aprendeu o ofício por meio de um curso ofertado para o ensino do bilro.

“Eu tô fazendo faculdade, na verdade, né. Eu não tive assim, uma família de rendeiras. Minha avó fazia bilro, mas não era pra vender. E minha mãe nunca aprendeu, ela era da roça, então eu sempre achei bonito e fui fazer um curso, porque eu acho que é importante que as mulheres dessa região saibam fazer renda, né, aquela coisa do ‘Olê, mulher rendeira’, eu acho que toda cearense deve ser um pouco rendeira. [...] Mesmo me formando eu quero continuar fazendo minhas rendas e vendendo, e se um dia eu tiver uma filha eu quero, sim, que ela aprenda o ofício, nem que seja pra saber mesmo. Acho que a cultura deve ser preservada e passada de pai pra filho, quer dizer, no caso, de mãe pra filha, porque geralmente são as mulheres que fazem bilro. Eu acho importante informar pros meus futuros filhos como foi que minha mãe me criou, o que é a história do meu lugar, as tradições que devemos manter. O povo daqui acha que ninguém deve mais trabalhar com renda. A maior parte dos rapazes só quer ser garçom e porteiro de hotel, as meninas querem ser camareira. Eu não! Eu quero ter meu ofício. Não sei se vou viver disso, mas quero saber fazer, porque saber é mais importante que tudo. Porque a gente só vive ouvindo que professor ganha pouco também, né? Então fica uma coisa e outra. Só num sei se me casaria com pescador: é vida muito difícil e sofrida. É isso que eu tenho pra dizer”.

Tanto Mabele quanto Vanessa se identificam com a profissão de rendeira, o que na primeira leitura nos levou a pensar que poderíamos ter já de antemão uma resposta positiva à categoria de representação, apesar da visão mais crua de Mabele acerca da pobreza. No caso de Vanessa, vemos que embora esteja cursando uma faculdade de Pedagogia, esta entrevistada quer dar continuidade ao ofício de rendeira. O que confere uma resposta diferente das demais. Foi a única que desejou aprender depois de adulta, já que Maria quis aprender com a avó, mas aos oito anos.

posicionamento de Mabele é claro quanto ao seu papel social: ela faz o trabalho, mas sua filha *não fará* - se ela puder evitar. Ou seja, aquele serviço que a identifica como um povo da praia, do artesanato, do litoral, quiçá das classes mais humildes da sociedade não é o que ela deseja transmitir para sua descendência.

Já Vanessa, acredita que o bilro é a história de seu povo e que ensinar o bilro a seus filhos e filhas é criar em sua descendência a noção de cultura.

A entrevistada Vanessa, diferente de Mabele, considera que é importante ensinar aos futuros filhos e filhas a cultura de seu lugar, embora não pareça ver o bilro como um trabalho para o sustento, quando diz "Eu quero ter meu ofício. Não sei se vou viver disso". Seu posicionamento é claro quanto à manutenção de sua cultura.

---

Na fala de Mabele "não quero isso pras minhas filhas" é possível entrever um repúdio pelas atividades artesanais. É provável que nosso olhar de pesquisador seja míope diante da tela do computador apenas a admirar um fio se transformar em uma toalha de mesa, sem ter a noção do número de horas que esse processo leva, mas a escrita não seria assim uma tessitura em que vamos palavra por palavra tecendo um texto compreensível e com sentido a ser visto e utilizado pelo outro que nos lê? Quem sabe, como pesquisadores, também pensemos: "Não quero essa vida para meus filhos".

A fim de evidenciar as análises pelo método proposto por MAIA-VASCONCELOS (2022), demonstraremos nos **Quadro 1** uma síntese dos trechos indicativos das categorias destacadas neste estudo, a saber: **Aprendizagem (A)**, **Representação (R)**, **Transmissão (T)** e **Deslitoralização (D)** aqui já analisados.

É possível vislumbrar no quadro síntese, pelas passagens que escolhemos, que existem pelo menos duas miradas a serem consideradas do ponto de vista narrativo: a rendeira que trabalha por acreditar que a transmissão da renda deve ser continuada, como no relato de Vanessa e que representa uma cultura do lugar, como vemos em Edite e Mabele; a outra que aprendeu como única opção de vida (Lúcia) e que talvez nunca tenha tido nenhuma outra forma de vida: "Fazia pra ajudar meus pais e depois que casei, pra ajudar meu marido" (Dona Francisca), ou que as demais opções eram piores, como vimos na narrativa de Dona Maria: "Era a roça ou a renda".

Durante a análise vimos que as entrevistadas aprenderam com suas mães e avós. Apenas uma em um curso externo. Isso significa que o conhecimento do bilro se dá frequentemente por transmissão intergeracional fortemente influenciada pela cultura local. Existe claramente uma transmissão de conhecimento entre as gerações, sejam familiares ou não, uma vez que os cursos são ofertados por mulheres da própria comunidade. Lani-Bayle (1997) chamou esse processo de transmissão intergeracional, ou seja, o conhecimento não sistematizado que passa de geração em geração, familiares ou não, e que mantém uma cultura e uma tradição viva, ainda que, no caso da localidade de Aquiraz, tenha sido visivelmente decrescente, uma vez que nas famílias as filhas mulheres parecem fugir da profissão de rendeira.

Apesar de ser uma riqueza impregnada do lugar, percebemos que o interesse pelo artesanato de bilro corre o risco de diminuir com o passar do tempo. Ainda que o artesanato seja considerado uma manifestação da arte popular conduzida pelas mãos de uma comunidade e concebido como sendo "[...] a manutenção da história viva da comunidade" (CORIOLANO et al., 2009, p.153), caso não ocorra a continuidade do ensino da renda de bilro, a realidade que se encontrará no futuro é a extinção dessa arte. Os cursos que ensinam as rendeiras são uma forma de manter a transmissão da cultura.

Além disso, a preservação cultural da atividade deve focar no lugar que promove e contribui para a atividade, como o turismo de base local, o qual torna a arte uma forma de rendimento para as rendeiras e suas famílias, ao coincidir a atividade com o próprio símbolo de representação social e cultural (BEZERRA, 2013) da Prainha.

**Quadro 1:** Síntese das respostas das mulheres.

Categoria	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3	
	Francisca	Maria	Edite	Lúcia	Mabele	Vanessa
<b>(A)</b>	Aprendeu com a mãe pra ajudar em casa e depois o marido	Aprendeu bilro aos oito anos, com a avó.	Aprendeu com a mãe, mas não se lembra a idade.	Aprendeu com as mulheres da praia.	Aprendeu com a mãe aos dez anos.	Aprendeu em um curso de bilro, pois a mãe era da roça
<b>(R)</b>	Renda como sustento da família. “Estrangeiro querendo fazer foto com a gente”. Ter os pés na areia.	Há um conflito entre o fazer renda e o trabalho em hotéis na orla. Mas intergeracionalidade familiar é clara até extrafamiliar. Ter os pés na areia.	Manter os pés na areia sempre, o tic tic dos bilros. Está bem melhor com a cooperativa.	Renda como raiva: “batia nesses bilro acho que de raiva”. Dá pra viver, num dá pra ficar rico não”	“cara do povo daqui de Aquiraz, da praia. [mas]O povo acha que é só a linha. Se esquece do trabalho que dá, do tempo (...) pra fazer dez centímetros de renda.”	Cultura de seu lugar e de seu povo
<b>(T)</b>	Dona Francisca não questiona a transmissão. “Aprendi com minha mãe, e depois ensinei pra minhas filhas, com os pés na areia”	“Aprendi com minha avó porque eu quis aprender, mas nenhuma filha minha quis ser rendeira.”	Tem duas filhas, somente uma quis seguir a profissão de rendeira, mas não quis ser associada.	Só teve filhos homens. Ensinou a renda de bilros à nora.	“Eu faço, mas não quero isso pras minhas filhas não, o povo não quer pagar o que vale”	Pretende ensinar à filha se um dia tiver filhos, mas somente às meninas.
<b>(D)</b>	Foi tirada da beira da praia pelos hotéis e pelas casas de veraneio – “Num fosse isso, nós inda tava fazendo renda com os pés na areia.”	Os hotéis e <i>resorts</i> desestimularam as moças: “essas menina só querem ser é camareira, garçonete, querem mais ser rendeira não”	“era bom poder morar quase dentro d’água” A chegada dos hotéis retirou da areia as rendeiras.	Uma das noras faz renda, a outra é guia de turismo, um dos filhos é bugueiro e o outro trabalha em hotel.	“O comprador não quer pagar o preço. Paga uma fortuna por um prato de camarão que comeu, acabou, mas não paga por uma renda que é pra sempre. O povo acha que é só a linha.	O povo da praia perdeu o sentido do viver das coisas da praia, mas ela não se casaria com um pescador

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

---

## 9. Conclusão

O ensino da arte de fazer bilro é das mulheres na Prainha e isso foi construído historicamente, como forma de preservar a história e a cultura das mulheres locais, pela transmissão intergeracional da atividade.

Esse estudo teve como objetivo analisar as narrativas de rendeiras do município de Aquiraz no estado do Ceará e como o fenômeno da deslitoralização da cidade impacta na transmissão do conhecimento intergeracional e da cultura local.

A prática do bilro é um trabalho artesanal, que no Ceará identifica uma região, em especial a cidade de Aquiraz, como ouvimos das rendeiras que entrevistamos. Trata-se de uma arte que faz parte da cultura de um povo e que é aprendido na vivência familiar. Mesmo que se compreenda que o artesanato é uma técnica, ao mesmo tempo que se apresenta como uma arte, e a rendeira é o próprio sujeito que faz o artesanato.

Na pesquisa, procuramos identificar o ensino intergeracional do bilro com o propósito de identificá-lo no sentimento cultural daquele povo e como atividade de referência em suas tradições, identificando se as rendeiras ensinam a prática a suas filhas ou demais descendentes, por meio de entrevistas dialogadas.

A renda de bilro tem perdido para o progresso por uma série de razões que já foram citadas pela rendeira Vanessa neste artigo, como os empregos em hotéis e restaurantes, mais fáceis e mais rápidos, embora sem nenhuma arte. Portanto, o ensino do bilro deve tornar-se um elemento responsável pela difusão da atividade artesanal na localidade da Prainha e ser considerado como fator de destaque cultural. Dessa forma, é relevante destacar que o bilro é cultura e faz parte do desenvolvimento. A perda de uma atividade cultural desprioriza o lugar. Nos casos do litoral cearense, em que muitas vilas de pescadores e casa de rendeiras foram substituídas por hotéis de luxo, resorts e condomínios, os fenômenos da deslitoralização trouxe o progresso do capital em detrimento do bem cultural local, nem sempre trazendo emprego e renda à população da região.

É importante o reconhecimento da arte do bilro, não somente na localidade da Prainha, mas em qualquer comunidade que produza cultura e cuja expressão seja aceita e repassada às novas gerações a fim de revelar a cultura viva e presente em uma comunidade. Isso se provou nas narrativas das rendeiras, uma vez que todas disseram que o bilro é um atrativo cultural e turístico.

Pudemos com nossos estudos chegar às seguintes conclusões:

No que diz respeito à Aprendizagem da renda do bilro, com exceção de uma das rendeiras, Vanessa, que voluntariamente procurou um curso de bilro, todas as demais aprenderam seu ofício com suas mães e avós;

Sobre a Representação, a renda do bilro permanece guardando para esta parte do litoral, em especial da Prainha de Aquiraz, a denominação de comunidade de rendeiras, ainda que as rendeiras tenham se afastado da beira mar e não cultivem mais seus tique-taques dos

---

bilros com os pés na areia, como disseram em suas narrativas aqui coletadas. A renda é uma cultura de alta complexidade pela arte que encerra e pelas histórias que guardam em seu seio, por representar a região e por emoldurar passado e futuro em um mesmo quadro.

Acerca da Transmissão, a renda de bilro é prioritariamente intergeracional familiar, passando através das gerações de famílias, porém ao longo dos anos o interesse das gerações mais jovens vem diminuindo, segundo o relato das rendeiras. Não foi realizado, contudo, um estudo estatístico sobre o número de filhas que seguem a profissão das mães rendeiras. Seria interessante para um estudo futuro que fosse feito este levantamento, até para que se pudesse constatar se a Prainha de Aquiraz continuará sendo uma comunidade de rendeiras. Há dados que ainda podem ser aprofundados, e aos quais daremos atenção para dar sequência a este estudo;

Mesmo com o processo de deslitoralização, ou seja, com a retirada dos nativos da beira mar para o continente e com a urbanização do litoral, promovendo um impacto negativo nas populações antes apenas litorâneas, a comunidade de rendeiras se organizou em associação e deu continuidade a seu trabalho de renda de bilro. Os impactos causados pela especulação imobiliária, segundo os relatos coletados, retiraram os rapazes dos barcos de pesca e os colocaram nas recepções de hotéis, as moças deixaram a renda e tornaram-se camareiras, mas a associação ainda se mantém numerosa, com 85 rendeiras cadastradas (CARVALHO, 2019).

Esse estudo mostrou, pelas narrativas de rendeiras do município de Aquiraz no estado do Ceará como o fenômeno da deslitoralização da Prainha impacta na transmissão de saberes intergeracionais e da cultura local do bilro, mas também como progresso e tradição podem conviver em harmonia, sem que haja perdas para as comunidades tradicionais.

## REFERÊNCIAS

ARRAIS, Tadeu Alencar. **Morar na metrópole, viver na praia ou no campo: a segunda residência e o mercado imobiliário**. Goiânia: UFG, 2013.

BEZERRA, N. A. P. As representações de meio ambiente no imaginário dos artesãos de Capim Dourado do município de Mateiros – TO. In: CORCINIO JÚNIOR, G. F.; SILVA, V. C. P. **Natureza e representações imaginárias**. Curitiba: Appris, 2013.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CARVALHO, A. F. Políticas públicas de turismo no Brasil. **Sociedade e Cultura**, México, v. 3, n. 1-2, p. 97-109, jan./dez. 2000. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/703/70312129006.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

---

CARVALHO, Fernando Antônio Bezerra de. Implantação de Políticas Públicas para o retorno do turismo de artesanato nas narrativas das rendeiras da Prainha – Aquiraz - Ceará. 2019. 104 f. **Dissertação** (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2019) – Universidade Estadual do Ceará, 2019. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=85242>>. Acesso em: 21 de setembro de 2022.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira et al. **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudanças**. Fortaleza: EDUECE, 2009.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira; FERNANDES, Laura Mary Marques. Políticas de turismo: ações e contradições da realidade cearense In: CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. (Orgs.). **O turismo e a relação sociedade-natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EdUece, 2014.

DAMIANI, Amélia Luísa. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Perreiras. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

LANI-BAYLE, Martine. **L’histoire de vie généalogique: d’Oedipe à Hermes**. Paris: L’Harmattan, 1999.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: **UFMG**, 2008.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra. **Penser l’école et la construction des savoirs: étude menée auprès d’adolescents cancéreux au Brésil**. Berlim: Editions Universitaires Européennes, 2010.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra. **Penser l’école et la construction des savoirs: étude menée auprès d’adolescents cancéreux au Brésil**. 2003.429.- Tese (Doutorado)- Université de Nantes, Département de Sciences de l’Education, Nantes, 2003.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra; OLIVEIRA, Débora Maria da Costa. **Minha casa não é minha e nem é meu esse lugar: memórias dos idosos ao relento de abrigos de luxo**. Gláuks: Revista de Letras e Artes. v.19; n.1jan/jun. p.101-120, 2019.

---

MAIA-VASCONCELOS, Sandra. **Narrativa de vida: uma questão de método**. Curitiba: CRV, 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Carlos Flaviano de; VEIGA NETO, Alípio Ramos. A negociação do artesanato nordestino nos mercados internacionais. **Revista Alcance**, Biguaçu, SC, v. 15, n.3, p.291-305, set./dez.2008. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/ra/article/view/761/615>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para re(li)gião: SUDENE, Nordeste, planejamento e conflitos de classe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

OLIVEIRA, Glacianne Gonçalves; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade. A Dinâmica geoambiental a partir da “litoralização” de Aquiraz, Ceará, Brasil. REDE - **Revista Eletrônica do PRODEMA**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p.50-68, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.revistarede.ufc.br/rede/article/view/78>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

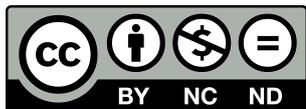
PEREIRA, Alexandre Queiroz. **Veraneio marítimo e expansão metropolitana no Ceará: Fortaleza em Aquiraz**. 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/977/1/2006\\_dis\\_aqpereira.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/977/1/2006_dis_aqpereira.pdf)>. Acesso em: 19 jul. 2018.

VASCONCELOS, Fábio Perdigão.; CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. Impactos socioambientais no litoral: um foco no turismo e na gestão integrada da zona costeira no estado do Ceará/Brasil. **Revista de Gestão Costeira**, Lisboa, v.8, n.2, p.259-275, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3883/388340124019.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

VERGARA, S.; SILVA, H. Organizações artesanais: um sistema esquecido na teoria das organizações. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, Rio de Janeiro, v.6, n.3, p.32-38, jul./set. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpbg/v6n3/v6n3a04.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

VILAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

ZDRULI, Pandi. Litoralização. Lucinda - Land care in desertification affected áreas. **From science towards application**. Série B, no 6: 1-13, 2015.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

**Link:** <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

*Recebido em: 29/09/2022*  
*Aprovado em: 27/12/2022*